

O Povoado do Tabuleiro e sua Paisagem

Neste quarto capítulo descreve-se o Povoado do Tabuleiro (Figura 4.1) sob vários aspectos, entre os quais, as características físico-espaciais de sua paisagem natural e construída e alguns aspectos socioculturais da população local, com o intuito de mostrar a realidade dessa gente simples e trabalhadora que tenta melhorar suas condições de vida diante das oportunidades que as atividades do ecoturismo propiciam.

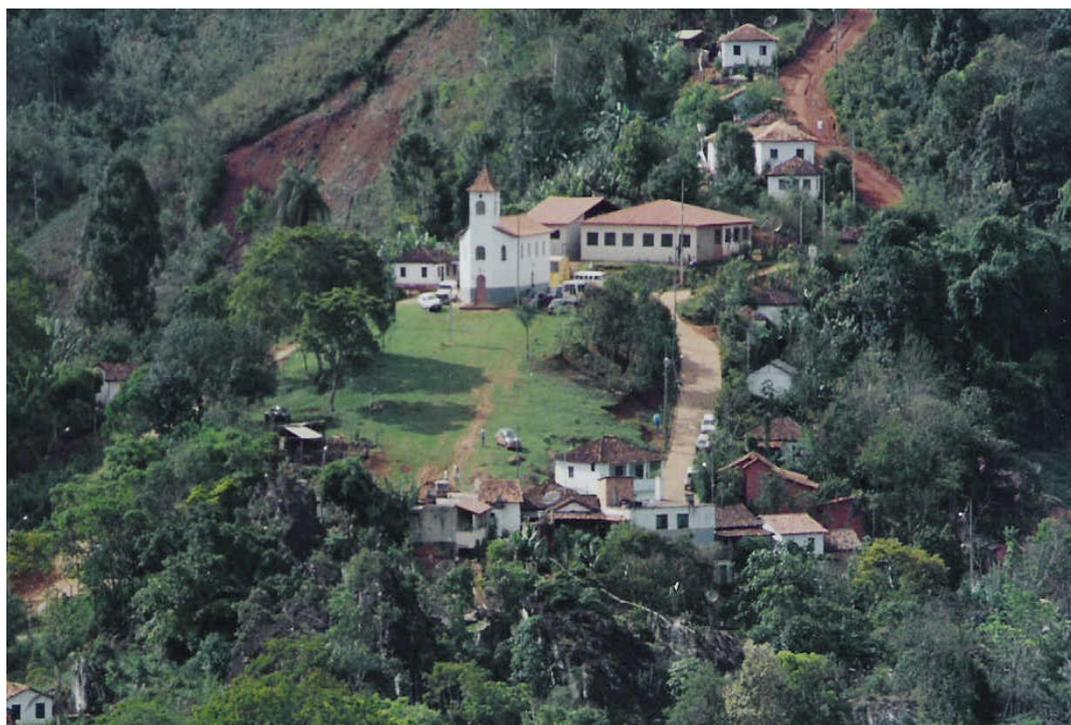


Fig. 4.1: **Vista do Povoado de Tabuleiro.** Foto: Gilvan Stork. (2001)

4.1 Aspectos gerais

O Povoado do Tabuleiro situa-se a sudoeste da sede do município de Conceição do Mato Dentro. Em 2003, por meio da Lei Municipal nº 1.741/2003 emancipou-se do distrito de Itacolomi, tornando-se distrito de Tabuleiro do Mato Dentro, que abrange as localidades de Tabuleiro (sede urbana) (Figura 2.41), Rio Preto, Salto e Dourado, conforme sua lei de criação.

A justificativa para a emancipação, segundo encaminhamento do Projeto de Lei nº 020/2003 pelo Prefeito de Conceição do Mato Dentro, para a apreciação da Câmara Municipal local, em 15 de agosto de 2003, é que:

a emancipação do povoado proporcionará condições melhores à população lá residente, uma vez que essa transformação permitirá a criação inclusive de um Cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais e de Notas naquela localidade, além de outras melhorias.

Como o nome “Tabuleiro” já designa cidade do Estado de Minas Gerais, foi necessário acrescentar ao nome do povoado concepcionense o sufixo “do Mato Dentro”, a fim de lhe assegurar o ineditismo toponímico exigido pela legislação. A explicação corrente para o nome “Tabuleiro” é que as montanhas ocupadas pelo povoado exibem platôes que se assemelham a tabuleiros. Segundo alguns moradores, o sobrenome não agradou à maioria da população que pretende trocar o nome para “Tabuleiro da Serra”. Pela proximidade do distrito com a Serra do Cipó e pela importância que esta desempenhou como caminho de tropeiros rumo “mato dentro” em direção à “Vila do Príncipe” e ao “Arraial do Tejuco” (hoje cidades de Serro e Diamantina respectivamente), dá para se deduzir que eles não se referem à Serra do Intendente, onde o distrito se localiza, mas à Serra do Cipó, que além de sua importância no cenário ecoturístico nacional, representa para os mais idosos lembranças ligadas tanto à labuta com a lavoura na localidade de Lapinha da Serra como com as transações de compra e venda

e até mesmo o escambo do excedente da produção, vivenciados por muitos tabuleirenses¹⁵ naquelas paragens.

Quanto à delimitação territorial do novo distrito, o artigo 2º. da Lei Municipal nº. 1.741/2003 diz:

“o distrito a que se refere a presente lei é resultante do desmembramento do distrito de Itacolomi e da cidade e terá a seguinte confrontação, conforme texto aprovado pelo IGA – Instituto de Geociências Aplicadas:

Divisão Interdistritais – Distrito de Tabuleiro do Mato Dentro

1 – Entre os distritos de Conceição do Mato Dentro e Tabuleiro do Mato Dentro: começa na Serra do Espinhaço, no lugar denominado Capivarinha, defronte a cabeceira do rio Cuba, desce por este rio até sua foz no rio Preto ou ribeirão dos Dourados, descendo por este até a sua foz no rio Santo Antônio.

2 – Entre os distritos de Itacolomi e Tabuleiro do Mato Dentro: Começa na Serra do Abreu, denominação local da Serra do Espinhaço, no ponto fronteiro às cabeceiras do rio Preto ou ribeirão dos Dourados, contorna essas cabeceiras e segue pelo divisor da vertente da margem esquerda do rio Preto ou ribeirão dos Dourados, aí denominado serra do Intendente, e, sempre por espigão, alcança o ponto fronteiro à cabeceira do rio Preto ou Tijuco, descendo por ele até a foz do córrego dos Máximos; daí segue pelo divisor da vertente da margem direita deste córrego, em seguida pelo divisor da vertente da margem esquerda do rio Preto ou ribeirão Dourado, prosseguindo por ele até a foz deste ribeirão no rio Santo Antônio.” (Figura 4.2)

¹⁵ Adjetivo gentílico que denomina aos que nascem no distrito de Tabuleiro.

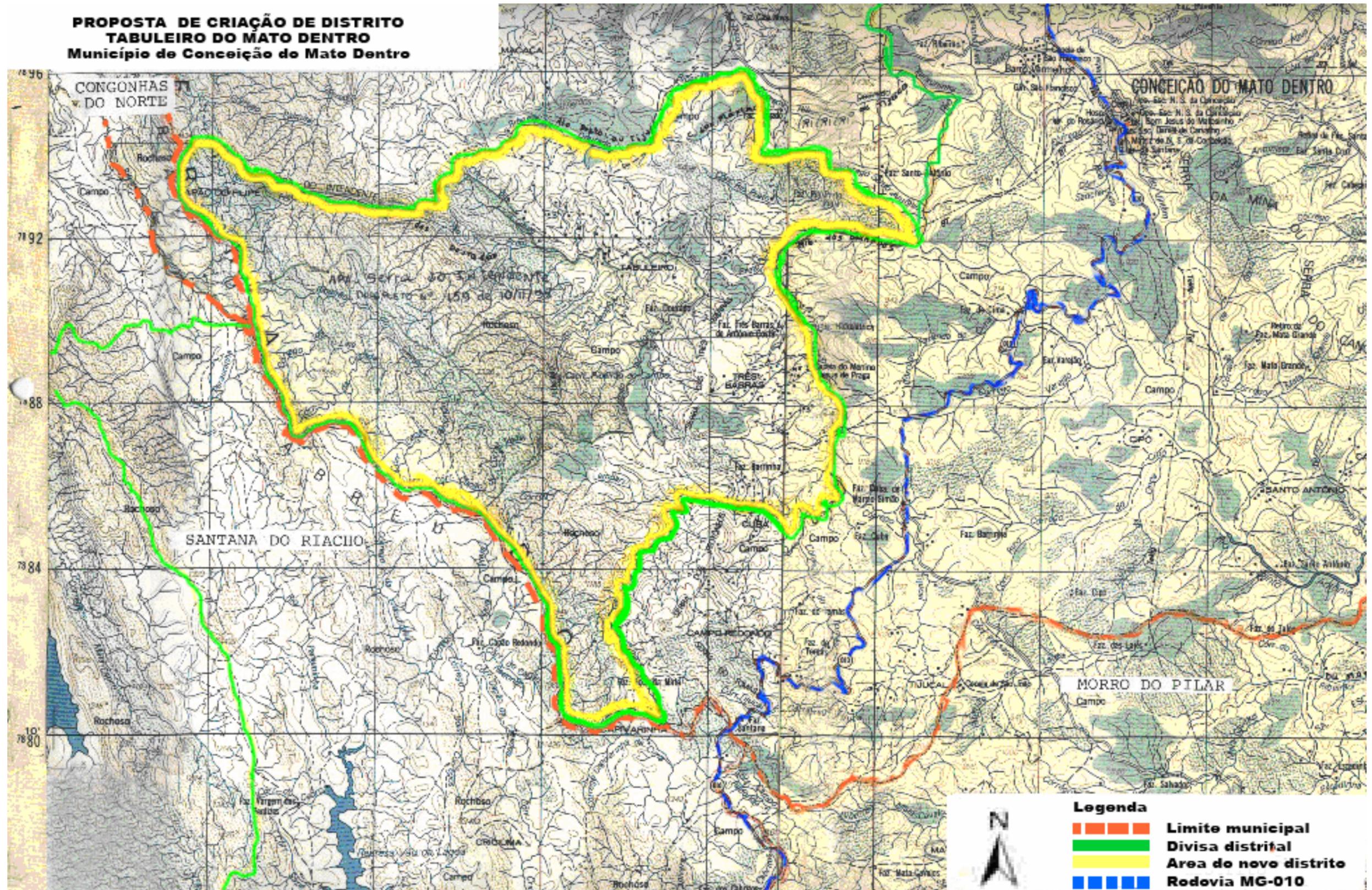


Fig. 4.2: Mapa do Distrito de Tabuleiro do Mato Dentro. (2003)

Fonte: Prefeitura de Conceição do Mato Dentro – MG.

ESCALA APROXIMADA 1:1.000

Seu acesso, a partir de Conceição do Mato Dentro, que dista 20 km, é por estrada vicinal, de terra, que atravessa o povoado de Tabuleiro e vai até a sede do Parque Municipal Ribeirão do Campo.

4.2 Aspectos Históricos

O surgimento do povoado do Tabuleiro, cuja origem supõe-se no início do século 19, também decorre da procura de ouro pelos bandeirantes. Esses aventureiros enfrentaram situações difíceis em confronto com índios nessa área situada nos altos da bacia do Rio Santo Antônio, um dos principais afluentes da margem esquerda do Rio Doce, cujas cabeceiras incluem a vertente oriental da Serra do Cipó. Eschwege, quando passou por aí, elaborou um mapa (mais tarde usado por Von Martius) onde registrou essa área como “Districto dos Indios Botocudos – antropophagos” (GONTIJO, 2003, p. 60). Hoje, aí se encontra a APA Serra do Intendente, o Parque e o povoado do Tabuleiro, que é banhado pelas águas do Rio Preto.

Saint Hilaire, apud Morais (1942, p. 158) também registrou sua passagem por este rio:

...transpuz o Rio Preto que deve o seu nome à cor que suas águas absolutamente límpidas, tomam do leite em que correm. Um pouco mais longe transpus várias vezes o Picão que, como o Rio Preto, se lança no Rio Santo Antônio, cujas águas se vão reunir às águas do Rio Doce...

Os botocudos, ancestrais dos atuais krenaks, não estavam dispostos a abrir mão das matas, uma vez que já vinham abrindo mão de muitas terras antes delas, e vinham sendo sistematicamente encurralados desde as primeiras incursões portuguesas no sertão mineiro a partir do século 17 (GONTIJO op. cit., p. 62) (Figura 4.3).

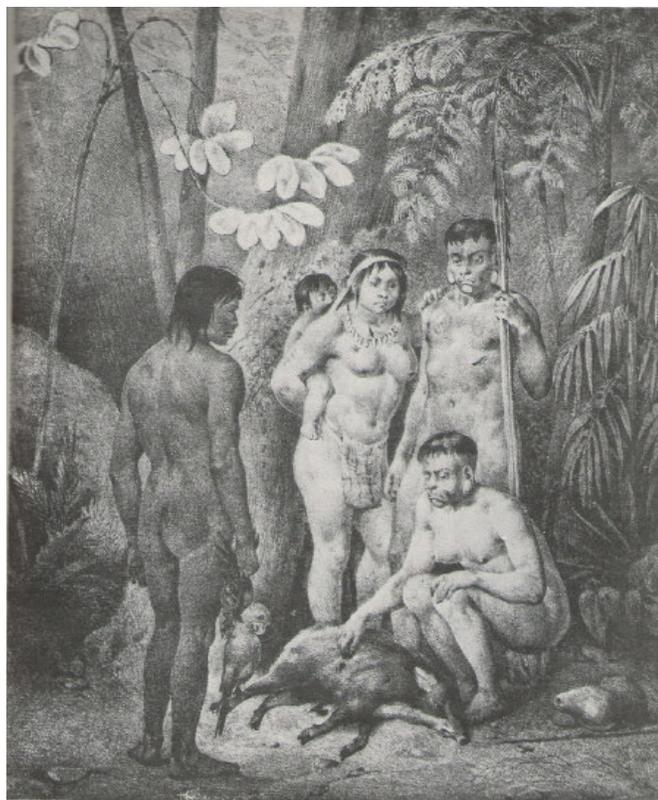


Fig. 4.3: Família de Índios Botocudos, primeiros habitantes da região onde hoje se encontra o Distrito de Tabuleiro do Mato Dentro e que foram totalmente dizimados por ordem de Dom João VI quando chegou ao Brasil, em 1808. Fonte: (RUGENDAS, 1979, p. 86).

As populações da região do “Mato Dentro” tinham de conviver com uma guerra decretada por Dom João VI, quando chegou ao Brasil em 1808, contra os índios botocudos da Bacia do Rio Doce, a qual durou três décadas. Do teor dessa declaração de guerra, dá para se imaginar como foram cruéis as batalhas travadas:

...ordeno-vos...que desde o momento, em que receberdes esta minha Carta Régia, deveis considerar como principiada contra estes índios antropophagos uma guerra offensiva que continuareis sempre em todos os annos nas estações seccas e que não terá fim senão quando tiverdes a felicidade de vos senhorear de suas habitações e de os capacitar da superioridade de minhas reais armas de maneira tal que movidos do justo temor das mesmas peçam paz e sujeitando-se ao doce jugo das Leis e prometendo viver em sociedade,

possam vir a ser vassallos úteis, como já o são as immensas variedades de índios que nestes meus vastos Estados do Brasil se acham aldeados...” (GOULART, 2000, p. 49-50).

Os agrupamentos indígenas eram identificados à noite pelo choro dos pequenos curumins famintos, e na manhã seguinte o serviço era feito de forma exemplar, com requintes de qualidade total às avessas (GOULART op. cit, p. 50). Três décadas após já não havia mais aldeamento dos botocudos no vale do Rio Doce.

Em suas andanças pelo interior do Brasil, o geólogo inglês John Mawe, ao contrário de outros visitantes, descreve com muita simpatia o arraial de Conceição, por onde ele passou por volta de 1809 e teve a oportunidade de conhecer um índio Botocudo:

...grande aldeia, muito bela...à noite, as moças vieram cantar lindas modinhas acompanhadas ao violão. Mostraram-me um jovem índio Botocudo, que aparentava ter nove anos de idade e que havia sido capturado seis meses antes. Não sabia uma palavra de português, mas, pela expressão de sua fisionomia, parecia estar preparado para aprender tudo. Tinha o rosto curto, a boca grande, o nariz largo, os olhos grandes e negros e a pele de um acobreado escuro, os cabelos negros como azeviche, retos, fortes, de comprimento igual, os pés largos...Disseram-me que pertencia a um bando de índios que fora surpreendido a seis léguas de distância da aldeia, todos tinham morrido ou fugido, com exceção deste menino, (MAWE apud MORAIS, op.cit., p. 154).

O povoado do Tabuleiro se firmou como ponto de passagem dos garimpeiros que viviam embrenhados nas matas, à procura do metal precioso e que se deslocavam até Conceição ou à localidade de Lapinha, na Serra do Cipó, para conseguirem suas provisões por meio do escambo. A paisagem do Povoado e seu tipo de assentamento têm características das povoações dos tempos do Brasil Colônia. À medida que prosperavam, esses desbravadores elegiam um

sítio mais elevado, próximo a um rio ou córrego, e a partir do ponto mais alto, que seria ocupado por uma igreja, construía suas moradas. Negros que viviam escondidos em quilombos encravados nas escarpas da Serra do Intendente também vieram morar nas proximidades do Povoado. A hipótese de que alguns índios tenham colaborado na formação da população local não é descartada. Segundo dona Lina, moradora local, seu avô pegou sua avó, uma índia, a laço, e depois se casou com ela. Percebem-se em algumas pessoas traços fisionômicos que sugerem ancestrais indígenas.

4.3 A Paisagem Natural do Tabuleiro

Tabuleiro é um lugarejo, cuja paisagem exhibe interessantes visuais (Figura 4.4).



Fig. 4.4: Estrada de acesso ao Povoado de Tabuleiro. (2005)

Na chegada, na altura do morro do Cruzeiro, descortina-se uma paisagem, diversificada, nas cores e matizes da vegetação, nas ondulações do terreno de relevo muito acidentado que, ora apresenta pastagens com alguns animais, ora

matas fechadas (Figuras 4.5 e 4.6). Mas, o que realmente prende a atenção do visitante é a vista do paredão à direita, de onde jorra a famosa cachoeira do Tabuleiro (Figura 4.7).



Fig. 4.5 e 4.6: Desmatamento e campos de pastagens nas imediações do Povoado de Tabuleiro. (2004 e 2005)



Fig. 4.7: Paredão da Cachoeira do Tabuleiro, visto da estrada de acesso ao Povoado. (2005)

Deslocando-se o ângulo de visão para a esquerda da cachoeira que está num plano mais distante, vê-se num primeiro plano uma encosta retalhada em retângulos com plantações que, pelos tons variados de verde, nos sugerem tipos diferentes de cultivo (Figura 4.8).



Fig. 4.8 e 4.9: **Agricultura de subsistência na região de Tabuleiro do Mato Dentro.** (2005)

Esse tipo de mosaico verde decorre da agricultura de subsistência desenvolvida por habitantes do Tabuleiro e é uma constante na paisagem local (Figura 4.9).

No topo do morro (Figura 4.8), encontra-se uma propriedade privada, que constitui uma segunda residência de lazer; suas proprietárias residem em Belo Horizonte e só permanecem no Tabuleiro durante as férias e feriados.

Um outro aspecto a chamar a atenção, na paisagem do Povoado, é a quantidade de novas construções que estão a caminho. Do lado de cima do Cruzeiro, beirando a estrada, vê-se uma nova construção, que será uma pousada, cuja locação é privilegiada, proporcionando ao observador um cenário bastante interessante (Figura 4.10).



Fig. 4.10: **Novas construções no Povoado de Tabuleiro.** (2006)

Continuando por essa estrada vicinal, sem pavimento, vai-se ter acesso à Rua Principal do Povoado, a qual o atravessa na direção do Parque Municipal Ribeirão do Campo.

A topografia varia de acidentada a ondulada. Registra-se, nas proximidades, a ocorrência de algumas cavernas e pinturas rupestres. A vegetação é de Campos de Altitude: Campos Rupestres entremeados por pequenas faixas de Cerrado, e apresenta alguns focos remanescentes de transição de Mata Atlântica. A região apresenta exuberante flora: cactos (*Eufhorbia pseudocactus*), orquídeas, bromélias (*Tillandsias* e *Vrieseas*), sempre-vivas (*Paepalanthus*) e canelas-de-ema (*Vellosya sp*), etc. O povoado é banhado pelo Rio Preto e pelo Riacho das Tias Binas (Figura 4.11).

4.4 A Paisagem Urbana do Povoado do Tabuleiro

O povoado do Tabuleiro, vizinho ao Parque Municipal Ribeirão do Campo, é caracterizado pela ocupação por população de baixa renda, pela precariedade de infraestrutura urbana básica e de serviços públicos. O traçado urbano, espontâneo e aleatório, tendo a igreja como ponto focal, decorre de seu processo histórico de ocupação, iniciado nos tempos coloniais, em um relevo bastante acidentado. O povoado tem oito ruas, uma praça e o adro gramado na frente da igreja do Sagrado Coração de Jesus, onde se encontra um segundo cruzeiro. A Rua Principal e parte das ruas que ladeiam a igreja são revestidas em bloquetes (Figura 4.11).



Fig. 4.21



Fig. 4.51



Fig. 4.41



Fig. 4.40

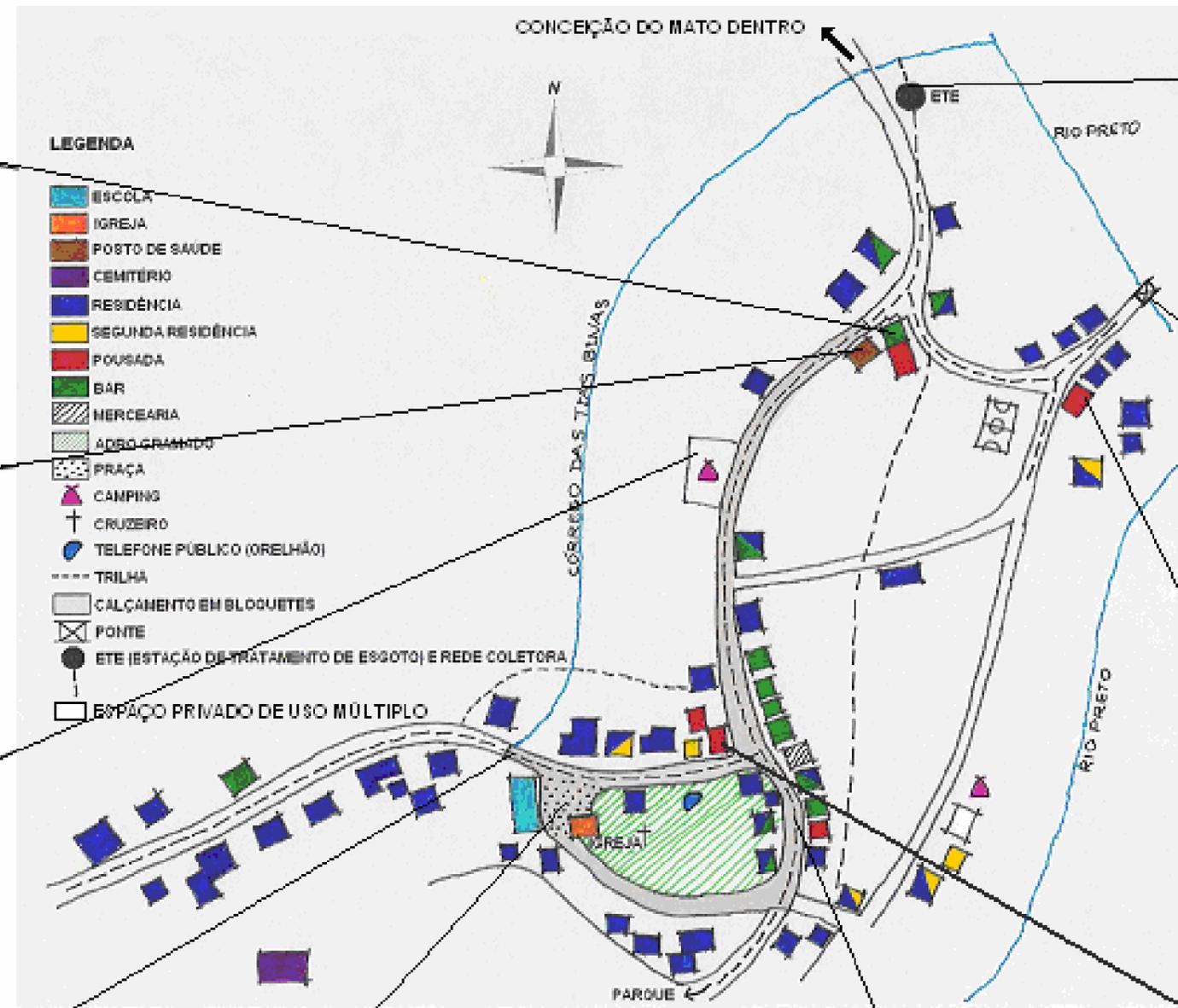


Fig. 4.49

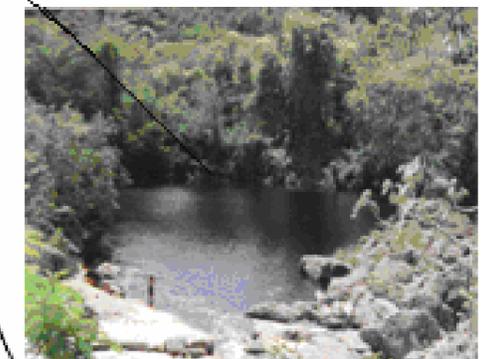


Fig. 4.20

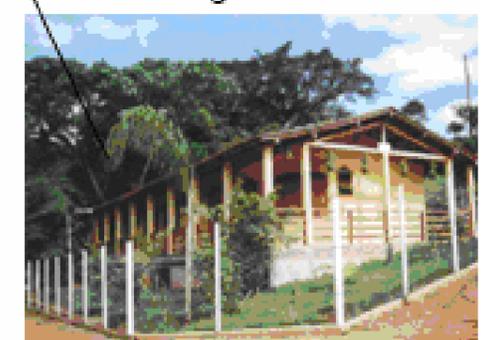


Fig. 4.71



Fig. 4.18



Fig. 4.75



Fig. 4.15



Fig. 4.70

Fig. 4.11: Croqui do traçado urbano do Povoado de Tabuleiro

Fonte: Planta de referência cadastral, Distrito do Tabuleiro, Prefeitura de Conceição do Mato Dentro – MG. (2003)



Fig. 5.30



Fig. 4.13



Fig. 4.45



Fig. 5.32

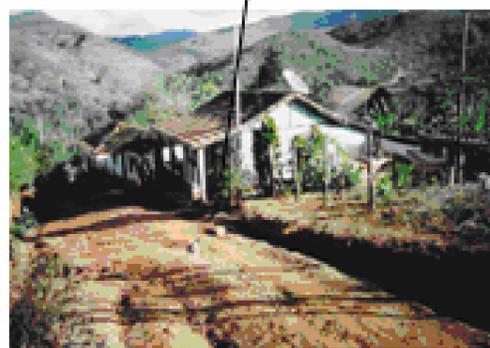


Fig. 4.17

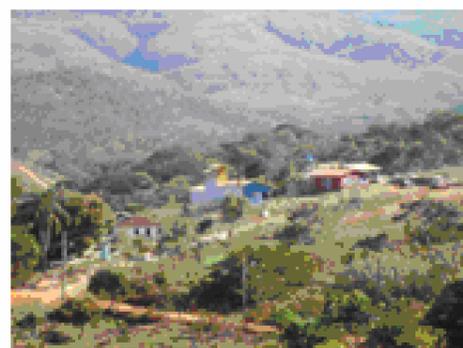


Fig. 5.42



Fig. 5.28



Fig. 4.50



Fig. 5.33



Fig. 5.34



Fig. 4.46

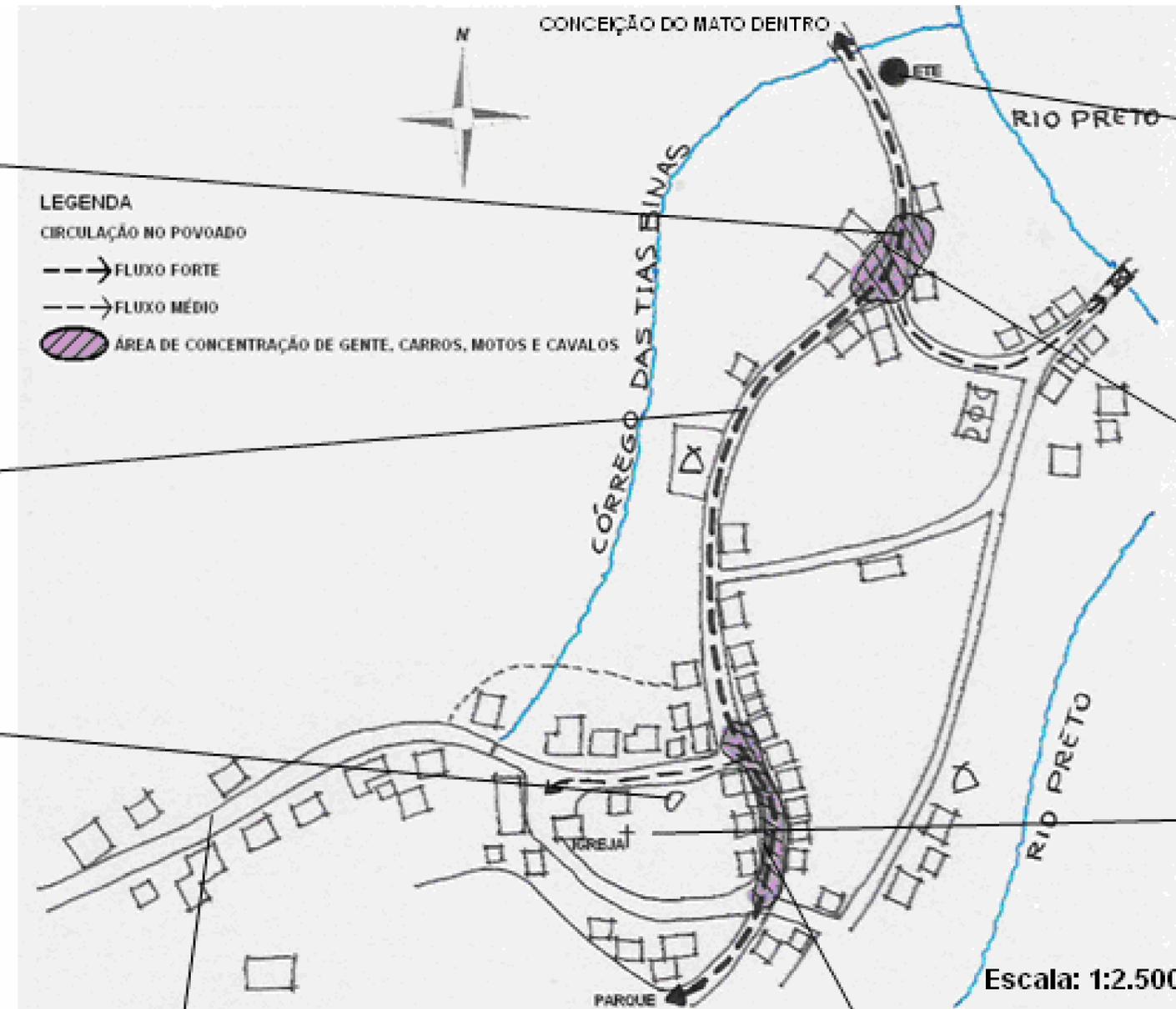


Fig. 4.12: Croqui dos fluxos de circulação no Povoado

Fonte: Planta de referência cadastral, Distrito do Tabuleiro, Prefeitura de Conceição do Mato Dentro – MG. (2003)

Conforme figura 4.12, na página anterior, a circulação assume uma característica de direcionamento dos fluxos de acesso e atravessamento do Povoado em direção ao Parque Municipal Ribeirão do Campo, pela Rua Principal, que apresenta alinhamento irregular e caixas de vias com medidas variadas que vão de 4,70 a 5,5 metros de largura (Figuras 4.13 e 4.14).



Fig. 4.13 e 4.14: **Rua Principal que atravessa o Povoado do Tabuleiro e vista do local onde se inicia o revestimento do piso por bloquetes.** (2005)

Existe uma leve hierarquia viária em relação à Rua Principal que atravessa o Povoado, ao longo da qual se situam estabelecimentos comerciais incipientes, de pequeno porte e onde já despontam construções de dois pavimentos que não ocorriam antes da criação do Parque (Figuras 4.15 e 4.16).



Fig. 4.15: **Rua onde se concentra o comércio no Povoado, com sobrados que não existiam antes.** (2005)
Fig. 4.16: **Mesma rua da foto 4.15, antes da criação do Parque.** Foto: Fernando Verasano. (1994)

As ruas, na sua maioria, são estreitas, sem calçamento e apresentam em alguns pontos processos erosivos, que algumas vezes exigem dos motoristas habilidades extras para saírem dos buracos (Figura 4.17).



Fig. 4.17: Rua sem calçamento, sem calçada para pedestre, apresentando processos erosivos devidos ao escoamento de águas pluviais em solo de grande declividade. (2005)

Algumas ruas partem da via principal gerando percursos, e o mais utilizado é o que dá acesso às imediações da igreja e da escola. Esse espaço é denominado Praça Sagrado Coração de Jesus, apesar de não existir mobiliário urbano de qualquer espécie, nem mesmo arborização (Figura 4.18).



Fig. 4.18: Vista aérea da Praça Sagrado Coração de Jesus, no Povoado.
Foto: Luiz Cláudio F. de Oliveira. (2004)

Entretanto, o local é utilizado para brincadeiras das crianças da escola; para descanso e lazer passivo dos turistas que se acomodam no chão; para o uso de drogas, e também para embarque dos estudantes do ensino médio matutino e noturno no ônibus com destino à Escola Estadual São Joaquim na sede municipal. Outros percursos muito utilizados são: o que leva ao poço Pari e o na direção da ponte do Rio Preto, poço do Val, onde as pessoas se banham no rio, que passa ao lado da pousada Gameleira (Figuras 4.19 e 4.20).

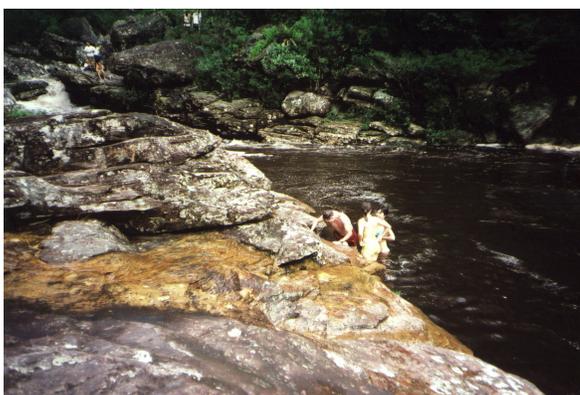


Fig. 4.19: **Poço Pari**, no Povoado do Tabuleiro.



Fig. 4.20: **Poço do Val**. Fotos: Samuel Taets. (2001)

Os principais pontos de maior permanência dos usuários são o bar do Gil (Figura 4.21), com predominância de turistas, e o bar da Cici (Iraci) (Figura 4.22), onde tanto os turistas como os moradores se sentem à vontade. Nestes pontos ocorrem acúmulo de carros em época de grande fluxo de turistas, principalmente no Carnaval, Semana Santa e quando por lá passa, anualmente, o *Rally* dos Sertões. Além das ruas serem estreitas, não há estacionamentos para os carros e motos, nem locais para amarrar os cavalos, meio de transporte muito utilizado pelos moradores locais, que também utilizam bicicletas, mas em número inexpressivo, talvez devido ao relevo acidentado ou ao baixo poder aquisitivo da população local.